

EDITORIAL

VIAGEM PELA LUSOFONIA

Primeiro, foi no Brasil: e da Amazônia ao Rio Grande do Sul, do litoral às fronteiras do Oeste, ouvimos brancos e negros, mamelucos e mulatos, ricos e pobres, letrados e caboclos, gente de todas as etnias e de todos os credos, a falar o Português.

Com a unidade geográfica, resultado da conquista e da ocupação do território, ocorreu também a difusão da Língua, levada pelos colonizadores e pelos jesuítas, pelos “capitães do mato” e pelos bandeirantes, e hoje achamos até natural que de uma ponta a outra do país mais de 150 milhões falem, com a diversidade fônica, o mesmo idioma. Nem nos apercebemos da saga fantástica dos que, desde o início do século XVI, andaram dilatando os domínios da Língua.

Depois, ainda antes da Independência, visitamos alguns países da África e também não foi difícil confirmar que, a despeito dos dialetos e dos crioulos locais, o Português estava implantado como “Língua de cultura” e “Língua de comunicação” entre angolanos, moçambicanos, guineenses, caboverdianos e são-tomeenses e que podíamos manter contato com as populações autóctones sem dificuldades para nos entendermos e sem que sentíssemos a concorrência de outros idiomas estrangeiros. Nesses países não havia, como no Brasil, o conhecimento e o uso tão generalizado do Português; no entanto, era visível o esforço da antiga metrópole para o ensinar e difundir, nas cidades e no interior, nos musseques e nas fazendas, nas escolas e nas igrejas.

Em Timor-Leste nunca estivemos, mas quando descemos do avião em Malaca e fomos ao “Portuguese settlement”, até chorar choramos de emoção, ao ouvir as crianças malaias aproximarem-se e perguntar: “Ser português? Nós falar português.” Apesar da presença dos ingleses e holandeses por mais de 4 séculos, assim mesmo o “papiá cristão”, ali deixado pelos portugueses em suas andanças pelo Oriente, continua vivo naquela ponta da Malásia – transmitindo-se de pais para filhos, como o sobrenome das famílias daquele gueto de pescadores onde ainda se respira o Portugal dos Castros e Albuquerque e se sentem as aventuras e as piratarias da narrativa de Fernão Mendes Pinto.

Por isso, ao chegar pela primeira vez em Macau, no estuário do rio das Pérolas, apanhamos um susto: como era possível que naquele território, de pouco mais de 18 quilômetros quadrados, onde os portugueses chegaram na primeira metade do século XV, a língua predominante fosse o chinês? Corremos o comércio – e não ouvíamos uma única palavra do Português; entramos nos restaurantes – e os

cardápios estavam escritos em cantonês; andamos pelas ruas, atravessamos a ponte para a Taipa e Coloane – e ninguém falava o vernáculo!

O que teria acontecido de diferente em Macau? Que fracasso estaria por detrás de uma presença de 5 séculos para não se ensinar a população do território a falar Português, quando ali perto, a alguns quilômetros de distância, em Hong-Kong, os britânicos conseguiram em poucomais de século e meio, depois da “guerra do ópio”, impor a hegemonia da língua inglesa?

É claro que em Macau também se fala Português e também se fala macaense. O primeiro está praticamente restrito ao pessoal da administração e às relações burocráticas. Serão 10.000 falantes numa população de 500.000 – ou seja 2%. E o macaense por sua vez está circunscrito às famílias tradicionais da terra. Mas a maioria esmagadora da população do território fala chinês. Ou melhor, o chinês de Cantão, embora cada vez seja maior a percentagem dos que falam o mandarim.

Pergunta-se: será esse fenômeno resultado do falhanço ou do desinteresse da administração portuguesa, como nos apetece dizer à primeira vista? Um pouco de análise mostrará que não: o mesmo Homem que no Brasil difundiu com êxito a Língua num território imenso; ou que irradiou por grande parte de Angola e de Moçambique, não iria falhar na mesma tarefa num pequeno território, onde a população era muito menor e não existia a diversidade étnica, nem a interiorização geográfica.

O que aconteceu em Macau, para além das eventuais desatenções da metrópole europeia, é que a maioria da população emigrou da China e não tem, nem nunca teve, necessidade de aprender Português.

Em abril, quando estive no Rio de Janeiro o Dr. Jorge Rangel, Secretário-Adjunto para a Administração, Educação e Juventude do Governo de Macau, para participar do Simpósio Internacional da Língua Portuguesa em África e no Oriente, promovido pelo Liceu Literário Português, ao analisar este fenômeno, afirmou, com toda a propriedade e conhecimento: “Para a grande maioria da população de Macau o Português nunca foi nem a língua materna, nem a principal língua de comunicação nas tarefas do quotidiano.” A partir desta realidade, com 95% da população de etnia chinesa, tem de se louvar o esforço que se vem fazendo para criar e consolidar uma sociedade capaz de compreender e defender o legado cultural que deu a Macau uma identidade própria.

Confiantes no trabalho da administração e de Homens como Jorge Rangel, estamos certos de que apesar das limitações e dificuldades o Português pode afirmar-se como língua de Cultura em Macau. Deus queira que se confirme essa previsão e que o território possa ser uma ponte entre a lusofonia e a China.

A. Gomes da Costa
